

# Educação e cultura no pensamento de Franz Boas

José Carlos Pereira\*

---

## Resumo

Este artigo busca instigar a discussão dos temas Educação e Cultura, tendo como referencial teórico o pensamento de Franz Boas, sobretudo a obra *The mind of primitive man*, na qual o autor trata de temas antropológicos de suma importância para a compreensão da realidade social. Temas antropológicos como “raça” e “cultura” são medulares na antropologia de Boas e servem como base para estudar o conceito de educação, hoje, e o processo educacional de todos os tempos e lugares.

**Palavras-chave:** educação; cultura; raça; linguagem; desenvolvimento.

## Abstract

This article seeks to instigate a discussion of the issues Education and Culture, with the theoretical thinking of Franz Boas, especially the book *The Mind of Primitive Man*, in which the author deals with anthropological themes of great importance for the understanding of social reality. Anthropological themes as "race " and "culture" are medullary in anthropology from Boas and serve as a basis for studying the concept of education today and the educational process of all times and places.

**Keywords:** education; culture; race; language; development.

---

\* Doutor em Sociologia pela PUC-SP. Participa do Núcleo de Pesquisa Religião e Sociedades desta mesma universidade e é professor convidado do curso de pós-graduação em Missiologia da PUC-PR. Dentre as dezenas de obras publicadas, algumas são da área da Antropologia e Sociologia da Religião, como, por exemplo, *Religião e Exclusão Social* (Ed. Santuário). É o tradutor da obra *The Mind of Primitive Man*, de Franz Boas, publicada pela Editora Vozes (2010). Maiores informações sobre o autor e suas obras estão em sua homepage: [www.pejosecarlospereira.com.br](http://www.pejosecarlospereira.com.br). E-mails: [cpzeca@uol.com.br](mailto:cpzeca@uol.com.br) e [falecomigo@josecarlospereira.com.br](mailto:falecomigo@josecarlospereira.com.br)

## Introdução

Comemoramos em 2011 o centenário da primeira edição de uma das obras mais importantes da Antropologia Americana, *The Mind of Primitive Man* (1911), de Franz Boas. Oportunamente fiz sua tradução para a língua portuguesa e, recentemente ela foi publicada, coincidindo com o ano de seu centenário. Esta obra foi uma das pioneiras a tratar da relação Cultura e Educação. Embora este não seja o foco principal desta obra, faço aqui um resgate deste binômio nela presente, aplicando-o a nossa realidade, cem anos depois do seu lançamento. Junto com as contribuições trazidas nesta sua obra medular da antropologia, agrego contribuições que Boas apresentou em outras obras e que foram fundamentais para o entendimento do conceito de cultura e de educação para o desenvolvimento humano.

Embora *The mind of primitive man* seja uma obra centenária, como todo clássico ela é imortal e atemporal, e seus conceitos ultrapassam a noção de tempo e espaço e podem ser empregados em qualquer realidade, desde as das tribos mais longínquas deste planeta, tidas ainda como “primitivas”, até as mais desenvolvidas da atualidade. Sociedades tidas como “civilizadas”, mas que, devido ao fenômeno da globalização, paradoxalmente se transformaram em “aldeia global”, como sentenciou em meados do século passado Marshal MacLuhan. Desde modo, o pensamento de Boas é um importante contributo para a civilização de um mundo globalizado que têm na cultura e na educação as bases do seu desenvolvimento.

Os conceitos de Cultura e Educação foram amplamente abordados nesta obra, como, por exemplo, a ideia de que o desenvolvimento educacional de um povo se deve mais aos seus próprios méritos e esforços do que a influência externa. Não obstante a essa forma de desenvolvimento educacional e cultural, Boas mostra o quanto estes dois conceitos são relativos, variando de acordo com cada ponto de vista e cada realidade.

Antes de tratar do tema Educação e Cultura no pensamento de Franz Boas, quero tecer um breve comentário sobre o autor e seu aporte para a Antropologia, destacando alguns elementos que contribuem no entendimento e na aplicação destes dois temas a realidade social, hoje. Em seguida colocarei algumas notas sobre a obra *The mind of primitive man* e sua importância para a antropologia.

Os temas cultura e educação são tratados aqui em dois momentos distintos, porém, nos dois tópicos estes temas aparecem amalgamados, como estão amalgamados nas obras de Boas. Num primeiro momento enfatizo a cultura na ótica deste antropólogo e seu legado para as sociedades de todos os tempos. No segundo momento, busco demonstrar como a educação aparece em sua teoria e qual a contribuição dada à atualidade. Por fim, nas considerações finais, busco empregar a contribuição de Boas a situações educacionais vividas hoje, em nossa sociedade.

### **Notas sobre Franz Boas**

Franz Boas nasceu em 9 de julho de 1858 em Minden, na Alemanha, mas foi nos Estados Unidos que produziu as suas principais obras, dando, assim, uma das mais relevantes contribuições à Antropologia Americana, conhecida como a moderna antropologia cultural. Ele trouxe para a discussão temas até hoje tidos como polêmicos e, portanto, discutíveis. Dentre eles, o próprio conceito de cultura e seus desdobramentos, como, por exemplo, raça e evolução.

Filhos de pais envolvidos com a política, herdou deles ideias que, mais tarde, iriam influenciar na elaboração de conceitos medulares da antropologia, como, por exemplo, o de raça e etnicidade. Porém, não foi na antropologia que Boas iniciou suas atividades acadêmicas e de pesquisas, mas, sim, numa área bem distinta, a Física, chegando a doutorar-se em 1881 nessa área, defendendo tese sobre a cor da água. A Física serviu de fio condutor para que chegasse à Antropologia, através da psicofísica, que foi a base da psicologia experimental e ponte direta para a Antropologia. Boas tinha também formação em Geografia.

Foi numa de suas viagens, com intuito de preparar um livro sobre psicofísica, que ele teve contato com a pesquisa de campo e que despertou para o universo antropológico. Enquanto trabalhava com um grupo de esquimós, na Ilha de Baffinland, no norte do Canadá (1883-1884), Boas vivenciou uma de suas primeiras experiências no campo da Antropologia. Nessa pesquisa de campo redigiu conclusões importantes sobre as teorias difusionistas e evolucionistas. Esse contato com povos dessa etnia, e a experiência obtida em campo, foram determinantes para a sua mudança definitiva de área de pesquisa, iniciando, assim, suas reflexões antropológicas. A Geografia e a Física lhes serviram

para medir com exatidão os apontamentos reunidos em campo e outras atividades próprias da Antropologia, como, por exemplo, mapear campos de pesquisas. E a psicologia experimental serviu-lhe de base para a antropologia americana, que ganhou em Boas um dos seus principais expoentes.

Sua emigração para os Estados Unidos se deu em 1887, onde ensinou na recém-criada Universidade de Clark, na cidade de Massachussets. Mais tarde transferiu-se para a Universidade de Colúmbia, Nova York (1889). De início ainda não tinha reconhecimento como antropólogo, porque até então a Antropologia ainda não tinha *status* de uma ciência estabelecida, o que significava perspectivas profissionais bastante limitadas, diferentemente da Geografia e da Física, que demonstravam campos promissores. O reconhecimento como antropólogo veio a partir de uma de suas principais obras, *The mind of primitive man* (1911).

### **Considerações sobre a obra *The mind of primitive man***

Retomo aqui o comentário que preparei para a orelha desta sua primeira obra publicada no Brasil (*A mente do ser humano primitivo* – Vozes, 2011). Nesta obra o autor busca desconstruir as bases das grandes teorias do século XIX (raça, evolução e cultura) e instaura o relativismo cultural como visão motora dentro dessa ciência. Boas desmonta definitivamente o conceito de raça e evolução ontogênica como paradigma do pensamento antropológico e estabelece os métodos e os critérios para o trabalho de campo que até hoje ajudam a guiar os antropólogos. Ele consegue reunir nesta obra os principais temas da Antropologia e traz para a discussão afirmações como, por exemplo, a não existência de raças humanas totalmente definidas, demonstrando que nenhum grupo humano é biologicamente superior a outro. Vale lembrar que afirmações como essa causaria grande impacto não apenas nas pesquisas antropológicas, mas nas sociedades em geral, principalmente as que produziram líderes como Adolf Hitler e Mussolini, com suas teses anti-semitas e racistas.

Vale destacar que nesta obra fulcral da antropologia americana, Boas critica teorias deterministas aplicadas ao estudo da cultura humana, como, por exemplo, o determinismo geográfico e econômico. Com isso ele abre espaço para a reflexão e debate sobre a educação nos moldes que hoje a concebemos. Ao criticar a ideia de que o ser humano primitivo pensaria

de forma “pré-lógica”, como queria Lévy-Bruhl, Boas mostra que as funções e os traços fundamentais da mente humana são idênticos e que, portanto, o processo educacional, pode levar uma pessoa a desenvolver seu raciocínio, independentemente da parte do planeta em se vive. Esse tema abre espaço para a discussão, hoje, de medidas na área da educação, como, por exemplo, o sistema de cotas raciais nas universidades públicas brasileiras. Se Boas vivesse hoje, combateria veementemente esse sistema, uma vez que sua teoria defende a ideia “que, com uma experiência social semelhante, negros e brancos se comportam de maneira semelhante e que a raça está inteiramente subordinada ao marco cultural”. Com essa afirmação, Boas mostra que se todos tivessem a mesma oportunidade de educação, poderiam concorrer em pé de igualdade, sem precisar de estratégias ou subterfúgios que legitimam práticas discriminatórias.

Ainda no âmbito da relação Cultura e Educação nas teorias de Boas, destaque para a insistência do autor no estudo dos diferentes tipos culturais que compõem a humanidade em oposição à ideia de raça que classifica os seres humanos como se estes fossem inferiores ou superiores uns dos outros, de acordo com fatores externos, como, por exemplo, cor da pele, localização geográfica, costumes, etc. Dessa maneira, ele combate o preconceito que desqualifica pessoas e as colocam numa condição de inferioridade umas das outras. Esse elemento que Boas traz para a reflexão é essencial no campo da formação da cidadania e da civilidade.

A obra *The mind of primitive man*, como já foi citado, foi publicada pela primeira vez em 1911. Na época, temas como hereditariedade e raça eram ainda pouco estudados. Boas, vinte e sete anos depois, no prefácio desta obra magistral, preparado em 1938, ocasião da sua reedição, reconhece que desde o seu surgimento até então, haviam sido realizados numerosos trabalhos em todos os ramos das ciências e que estes deveriam ser levados em consideração nesta reedição. Pelo fato de neste ínterim ter surgido estudos comprobatórios da influência do meio ambiente sobre a forma corporal e o comportamento humano, bem como abordagens referentes às atitudes mentais do ser humano “primitivo”, a partir de novos pontos de vista, levou-o a reformular, ou mesmo reescrever grande parte desta obra que, a partir do seu segundo lançamento, em 1938, ficou da seguinte maneira: um prefácio escrito na segunda pessoa, como se não fosse ele o autor do mesmo, porém, ao final, ele assina o prefácio, colocando local e data. Era janeiro de 1938. Nessa época ele era professor na Universidade de Colúmbia. Nesse prefácio ele recorda que algumas das conclusões

desta obra foram expostas em 1895, em palestra por ele proferida quando era vice-presidente da Secção de Antropologia da Associação Norte-Americana para o Progresso da Ciência. Sua conclusão primordial é: “não existe uma diferença fundamental nos modos de pensar do ser humano primitivo e do civilizado” (Boas, 2010, p. 7). Tal constatação iria influenciar no próprio conceito de educação e de cultura, pois ambos são comumente relacionados à suposta diferença na maneira de pensar dos diferentes povos. Além disso, outra constatação inovadora, que toca na questão do preconceito racial, é a de que nunca foi estabelecida uma estreita relação entre raça e personalidade, e que o conceito de tipo racial, comumente utilizado, era enganoso e requeria uma redefinição, tanto lógica como biológica. Ele questiona tradições científicas e populares que se fundamentavam e se sujeitavam a preconceitos ignorantes, principalmente as existentes em países dirigidos por ditadores. Teorias desta natureza serviam e servem como controle do pensamento. Esse controle, afirma Boas, estendeu-se particularmente a livros que tratam do tema da raça e da cultura e que servem de suporte para a formação dos estudantes que iriam reproduzir tais pensamentos.

Assim sendo, a educação adquirida através destes livros estava sob a égide de um poder opressor que determinava a forma de pensar e, conseqüentemente, de agir. Desse modo, a ciência não poderia ser fidedigna. Além disso, o cerceamento do pensamento e a supressão da liberdade intelectual proclamam a morte da ciência, afirma Boas nesse prefácio. Um sistema educacional que utiliza materiais que legitimam o poder opressor, forma pessoas para a submissão ou para a opressão. Dessa maneira, Boas indiretamente toca na questão da educação, questionando modelos que, aparentemente, são bons, mas que não passam de um sistema de controle e defesa da opressão.

Na introdução, Boas pontua a diversidade de povos que habitam o globo, cada um com seus diferentes aspectos, idiomas e vida cultural, suas próprias invenções e costumes. Destaca que é crença muito generalizada, que raça e cultura devem estar intimamente associadas e que a origem racial determina a vida cultural. Isso levaria a crer também na teoria da superioridade de uma raça sobre a outra, o que Boas vai contestar ao longo dessa sua obra. Com uma série de questionamentos, Boas introduz a leitura de sua obra com um olhar crítico sobre teorias até então muito aplicadas, como, por exemplo, o evolucionismo e o determinismo.

Em seguida, naquele que é considerado o primeiro capítulo da obra, Boas faz uma análise histórica, destacando o fato da relação entre raça e cultura ter chamado a atenção dos pesquisadores, mas que poucos têm tratado o tema como deveria. Boa parte destes usam critérios de análise influenciado por preconceitos raciais, nacionais e de classe que pouco ou nada contribuem para o avanço da ciência. Ele cita um a um esses autores, apontando as datas de suas pesquisas e como elas influenciaram para a formação de conceitos e preconceitos, porém não elucidam se há uma relação mais ou menos íntima entre a estrutura corporal dos grupos raciais e sua vida cultural, o que contribuiria para entender o processo educacional de cada povo e o próprio conceito de cultura.

No capítulo seguinte, dá-se ênfase à composição das raças humanas. Nele o autor busca formular um conceito claro do que ele entende por raça e cultura. A elucidação desses dois conceitos ajuda a entender o binômio “educação e cultura”, aqui tratado, como veremos adiante.

Seguindo nessa mesma linha, o terceiro capítulo traz as características hereditárias das raças humanas, demonstrando que cada grupo tem um ritmo de desenvolvimento característico, mas ainda paira dúvida se ele está relacionado a traços hereditários ou se as condições ambientais contribuem para esse desenvolvimento. A resposta começa a aparecer no quarto capítulo quando o autor trata da instabilidade dos tipos humanos, mostrando a importância de se pesquisar a gênese dos diversos tipos de seres humanos que se encontra na face da terra. Ele não discute a evolução das raças, mas emite algumas considerações importantes que ajudam a entender esta problemática antropológica, como, por exemplo, a relação entre a forma corporal de um povo e a incidência de certas enfermidades que podem exercer uma leve incidência sobre a composição de uma população. Assim, o autor se estende no quinto capítulo descrevendo sobre a posição morfológica das raças; analisando a composição das populações; o efeito da hereditariedade e o grau de instabilidade dos tipos humanos, considerando a significação desses tipos fundamentalmente diferentes. Esse tema o conduz para a análise das funções fisiológicas e psicológicas das raças, tratadas no sexto capítulo, onde descreve com riqueza de detalhes tais funções, mostrando que elas são determinadas pela forma corporal. No final desse capítulo, ele chega à conclusão de que as condições exteriores, isto é, os elementos culturais, são fundamentais para o desenvolvimento fisiológico e psicológico das raças e que elas, as raças, não são substancialmente diferentes uma das

outras. Isso levaria a concluir que o desenvolvimento de um povo depende da sua cultura e, sobretudo, da educação que ele recebe. Educação vista aqui como sinônimo de adestramento.

A cultura e a educação estão presentes de forma mais evidente no sétimo capítulo, quando é abordada a questão da raça, da língua e da cultura. O autor mostra que quando não se tem as mesmas oportunidades, dificilmente se pode ter o mesmo desenvolvimento. Esse é um fato muito evidente hoje, quando se trata do sistema educacional brasileiro, que cria situações paliativas para problemas crônicos, como, por exemplo, a erradicação do analfabetismo e o sistema de cotas, entre outros. Para a erradicação do analfabetismo instituiu-se a aprovação automática, como se um “diploma” significasse aprendizagem e o sistema de cotas para negros e indígenas, que os nivela abaixo dos demais na hora de aprová-los para o ingresso no ensino superior, como se o fato de se estar na universidade resolvesse o problema da carência de uma formação mais sólida e consistente. Ambas as soluções não passam de tentativas frustradas que apenas camuflam a real situação da desigualdade de oportunidades, causada não por problemas étnicos, mas por falta de investimentos em políticas educacionais e distribuição igualitária de recursos.

Boas traz no oitavo capítulo um apanhado das primeiras manifestações culturais e define o conceito de cultura como “a totalidade das reações e atividades mentais e físicas que caracterizam a conduta dos indivíduos que compõem um grupo social, coletiva e individualmente, em relação ao seu ambiente natural, a outros grupos, a membros do mesmo grupo e de cada indivíduo para consigo mesmo” (Boas, 2010, p. 113). Destaca que, apesar desses elementos serem fundamentais para o entendimento do conceito de cultura, eles não são suficientes porque seus elementos não são independentes, têm uma estrutura. Boas mostra que entre os animais também é possível encontrar essa relação acima enumerada. Assim sendo, o peso da definição do conceito de cultura recai sobre a língua e outros elementos mais intrínsecos à atividade humana. Com isso, Boas abre um leque de interpretações da cultura e isso ele faz no nono capítulo, alertando que é preciso uma análise metódica para entender este conceito, seja no âmbito da chamada cultura primitiva ou das classificadas como modernas. Descarta o uso exclusivo da análise comparativa, até então aplicada por muitos, e recomenda um sistema de comparação mais fundamentado para entender não apenas o conceito de cultura, mas a mente do ser humano que produz cultura e educação.

Esse tema é assunto do décimo capítulo, quando Boas analisa a mente do ser humano primitivo e o progresso da cultura. Nesse capítulo, ele questiona o uso de termos como “primitivo” e “avanço da cultura”, até então muito em voga não apenas no senso comum, mas entre os pesquisadores. Nos dois últimos capítulos são tratados do tema das associações emocionais dos ditos “primitivos” e o problema racial na sociedade moderna. No primeiro, o autor mostra que mudanças culturais ocorrem pela substituição de impressões sensoriais, emocionais, pelas mais racionais e intelectuais. Em grosso modo podemos afirmar que, à medida que a mente humana substitui ações emocionais por ações mais racionais, dá-se avanços no campo do desenvolvimento humano. Por fim, no último capítulo Boas traz para a discussão o problema racial na sociedade moderna, oferecendo indicativos para refletir sobre a questão cultural, hoje, e seus desdobramentos, como, por exemplo, a educação e outros fatores sociais, como a migração, a miscigenação, tratados por outros antropólogos discípulos de Boas, como, por exemplo, Gilberto Freyre, na sua memorável obra *Casa Grande & Senzala*.

Assim, a obra *The mind of primitive man* é um marco na história da antropologia, porque discute pela primeira vez conceitos fundamentais desta ciência, como o já citado conceito de raça. Vale lembrar que Boas, ao negar a existência de relação entre raça e cultura, critica os fundamentos da ideologia racista que, naqueles anos, estava se formando na Europa. Por essa razão, esta obra foi contestada veementemente pelos teóricos que defendiam teorias racistas. Como protesto, ela foi queimada pelos nazistas em 10 de maio de 1933, num ato que simbolizava a recusa do pensamento emergente do qual Franz Boas era o precursor.

## **A cultura na perspectiva de Franz Boas e seu legado**

Como vimos, a cultura é um dos temas mais sobressalente nas teorias de Boas. Tanto é que ele é considerado o pai fundador da moderna antropologia cultural. Ele defendia o relativismo cultural, acreditando na autonomia da cultura, na sua singularidade, valorizando os costumes, pois os costumes, segundo Boas, são manifestações da cultura. Assim, ele destacou a necessidade de estudar cada cultura de modo singular, destacando mais as diferenças que as similaridades entre elas. Com isso, lançou as bases daquilo que hoje, em antropologia, chamamos de “padrão

cultural”. O padrão cultural corresponde à soma das atividades de um povo, ou grupo, como, por exemplo, as atitudes deste grupo, os objetos por ele utilizados, seus costumes, suas ideias, enfim, ao ajustamento dos diversos traços e complexos característicos de cada agrupamento humano que traduzem o conjunto de valores que esse grupo expressa.

Boas, no início do século XX, mais precisamente em 1911, quando publicou *The mind of primitive man*, colocou as bases na formação desse conceito, ao afirmar a individualidade da cultura. Com isso ele inaugura o conceito de “culturas”, no plural, destacando o particularismo histórico de cada cultura, onde cada uma se forma e se transforma ao longo do tempo, num processo dinâmico. Assim sendo, o papel do antropólogo, segundo Boas, não é o de estabelecer leis gerais para a cultura, como se ela fosse algo único e padronizado para todos os povos, como pensavam os evolucionistas e outras correntes antropológicas de então, mas estudar e compreender os fenômenos dessas culturas particulares e descobrir qual sentido os detentores dessa cultura atribuem às suas práticas. Além disso, constatou-se a necessidade de reconstruir a história de uma cultura para poder compreendê-la. Esse procedimento nós encontramos nas obras de Boas, sobretudo no livro *Primitive Art* (Boas, 1927), onde ele dissecou o comportamento artístico de determinados povos, o qual revela sua personalidade, para compreender sua cultura. Só conhecemos verdadeiramente um povo quando analisamos técnica e metodicamente suas ações diárias, resultadas do seu universo psíquico, seus costumes, como, por exemplo, hábitos alimentares, comportamento rituais, e principalmente sua manifestação artística, como fez Boas ao analisar a arte primitiva dos povos e a relação que ela tinha com a vida social destes, bem como o seu desenvolvimento.

Outra afirmação importante de Boas em relação às culturas é a difusão dos seus traços que se processa em várias direções, o que a relativiza em vez de padronizá-la. Essa difusão justifica o culturalismo, ou, mais precisamente, o particularismo histórico de cada cultura. Assim, Boas abre caminho para o relativismo cultural e a antropologia amplia seu campo de ação e, conseqüentemente, de pesquisa, impelindo os antropólogos a irem a campo recolher materiais para fundamentar suas pesquisas. O relativismo cultural inaugurado por Boas mostra a evolução como fenômeno que pode decorrer do estado mais simples para o mais complexo dentro de uma cultura e que esta tem o seu valor e a sua riqueza dentro do seu próprio sistema cultural. Fora dele ela perde

o sentido. Assim sendo, a noção de bem e de mau, de certo e de errado e outras categorias de valores são relativos a cada cultura. Isso vale para todas as práticas e costumes de um povo, inclusive para a sua educação, como veremos abaixo. Assim sendo, a educação está relacionada à herança cultural e não biológica.

Em suma, a principal contribuição de Franz Boas sobre o conceito de cultura está relacionada com a nova abordagem trazida por ele. Não é por acaso que Boas foi um marco da moderna antropologia cultural. Ele não se identificou com uma teoria em particular e nem criou uma escola boasiana de antropologia, mas sua contribuição está no enfoque dado ao estudo da cultura, nos dados que reuniu e nos seguidores que deixou, dentre eles Alfred Kroeber, Margaret Mead, Ruth Benedict, Edward Sapir, Melville Herskovits, Robert Lowie e o brasileiro Gilberto Freyre, que aplicou o método de Boas em obras como a supracitada *Casa Grande & Senzala* entre outras, enfocando o problema racial, num país multirracial, com a perspicácia que aprendeu com o mestre.

A influência de Boas na antropologia foi profunda. Ele aboliu o conceito de raça (embora use o tempo todo esse termo em suas obras), e o a evolução ontogênica como paradigma do pensamento antropológico; estabeleceu os métodos e os critérios para o trabalho de campo que continuam a guiar os antropólogos e os estudos de antropologia e instaurou o relativismo cultural como visão diretora dentro desta ciência, conforme já citado anteriormente.

### **A educação no pensamento de Franz Boas e sua contribuição para a atualidade**

Tratar da educação no pensamento de Franz Boas é fazer um regate do próprio desenvolvimento da Antropologia Cultural e dos rumos que ela tomou na América, o qual trouxe importantes contribuições para o mundo, mas não é este o propósito deste artigo, embora aqui pontuo alguns elementos importantes do aporte que o pensamento de Boas trouxe para o campo da Educação, como, por exemplo, a melhor compreensão da mente do ser humano primitivo, que foi título da sua mais importante obra, a qual refiro em diversos momentos deste artigo. Nesta obra, Boas afirma que não há nenhuma diferença fundamental na maneira de pensar do ser humano primitivo e do civilizado e que a estreita ligação entre

raça e personalidade nunca foi caracterizada, o que abre caminho para a compreensão do pensamento hoje, bem como das práticas de ensino e aprendizagem que são empregadas nas diversas sociedades.

Vimos anteriormente que o relativismo cultural de Boas chama atenção para o dado da herança que o indivíduo recebe em sua vida e que o caracteriza de acordo com o grupo em que ele vive, ajudando, assim, a formar a sua personalidade. Refiro-me a dois tipos de herança: a herança biológica e a herança cultura. Elas contribuem para o desenvolvimento educacional do indivíduo, porém, não é determinante na sua formação educacional, afirma Franz Boas.

A herança biológica é aquela que se recebe dos pais, que corresponde à cor da pele, aos traços físicos ou genéticos dos grupos humanos a que se pertence. A herança cultural é transmitida por hábitos e costumes do grupo social em que se vive. É, portanto, o meio contribuindo para a determinação de certos comportamentos do indivíduo, mas não determina as suas características físicas, pois estas, como vimos, são determinadas pela herança biológica. Assim, uma criança indígena ou negra, quando adotada por uma família branca e criada num outro meio que não é o de seu grupo de origem, vai desenvolver os costumes, gostos e demais manifestações culturais conforme o meio em que foi, ou está sendo criada, porém manterá os traços físicos dos seus progenitores. Ao receber a mesma educação, e ter as mesmas oportunidades de estudo de uma criança branca, ela concorrerá com essas em iguais condições, porém as de seu grupo biológico terão dificuldades de acompanhá-la, pois não tiveram a mesma formação, ou educação para estas situações. A educação é para Boas uma espécie de adestramento que molda o indivíduo para desempenhar funções e reagir conforme foi educado. Por exemplo, uma criança indígena criada num grande centro urbano por uma família branca, cercada de facilidades e de avanços tecnológicos, quando adulta, dificilmente desenvolverá habilidades com arco e flecha, com a caça e a pesca e demais costumes das que permaneceram na sua tribo origem. Ela terá outras habilidades que seus descendentes não tiveram oportunidade de adquirir, como por exemplo, a facilidade com equipamento tecnológico, entre outras. O que não quer dizer que seja superior ou inferior uma da outra, mas que são culturalmente distintas e que foram educadas distintamente, tornando-se, assim, desiguais enquanto conhecimento, mas semelhantes enquanto potência mental. Por essa razão, Boas afirma que não há diferença fundamental entre a maneira de pensar de um

primitivo e de um civilizado. O que muda são apenas os conceitos e não a essência do ser humano seja ele de tribos da Austrália, da África, da América, dos esquimós do Alasca ou dos povos europeus e americanos que habitam as grandes cidades. Com essa maneira de ver o ser humano, Boas abriu caminho para refletir questões que ainda hoje são discutíveis em nossa sociedade, como, por exemplo, a da igualdade racial (temos até um Ministério no governo para tratar dessa questão); o sistema de cotas e outras questões educacionais, como, o sistema de ensino nos seus diversos níveis, com métodos igualmente discutíveis; o próprio conceito de “escolaridade”, associada comumente como sinônimo de cultura. Boas, com uma visão compromissada e progressista da ciência antropológica ajuda a enfrentar questões como essas e denuncia, com seus argumentos, interpretações distorcidas que ainda hoje insistem em se apresentar como correta ou ideal.

Um dos legados de Boas para a Antropologia e demais ciências humanas que utilizam pesquisa de campo, é o seu método de pesquisa. Ele é considerado um antropólogo de campo e nesse quesito tem muito a nos ensinar. Ele observava detalhes, como, por exemplo, a matéria e a forma como as casas eram constituídas, a disposição desses materiais, e como eles eram empregados. Isso servia também para a arte e outros ofícios. Tudo era objeto de meticulosa observação e descrição e procurava fazer isso com a maior fidelidade possível. Boas sabia que nos detalhes estavam ocultas as respostas para grandes questões. Esse procedimento metódico talvez se deva à sua formação em outras áreas como a Geografia e a Física. As ciências exatas ajudaram Boas a coletar e a organizar de forma lógica os materiais de sua pesquisa de campo, e a Geografia, a mapear os povos e áreas de pesquisas. Com isso, Boas mostra a importância da relação dos saberes para se obter melhores resultados nas pesquisas. O rigor da descrição etnográfica foi, portanto, outra contribuição de Boas que ainda hoje precisa ser aplicada para se obter resultados satisfatórios.

No campo do estudo do desenvolvimento humano, Boas contribuiu com a ideia da existência de diferentes tipos de desenvolvimentos históricos, e que esses são resultantes de distintos processos, nos quais intervêm inúmeros fatores e acontecimentos, sejam eles culturais e não culturais. Enfim, apontou novas maneiras de compreender a relação do ser humano com seu meio (cultura e sociedade), abrindo caminho para a moderna antropologia.

Em artigo publicado em 29 de abril de 1905, Boas contribui com a educação ao dar preciosas dicas sobre as funções educativas dos museus antropológicos. Afirma ele: “assim como nosso sistema escolar requer escolas secundárias e universidades – além das escolas primárias –, um grande museu deveria cumprir a função objetiva de uma escola primária para o público em geral, sem deixar de servir àqueles que procuram uma educação mais elevada e de ajudar a treinar o professor” (Boas, 2004, p. 359). Depois coloca passo a passo como ele deve ser organizado, de modo que facilite a pesquisa e a aprendizagem. Faz um alerta importante, de modo que os museus não sejam apenas uma exposição para “divertir” as massas, mas que tenham a finalidade e utilidade para os fins da educação em seus diversos níveis.

Outro texto de Boas relacionado à Educação, intitulado “Liberdade de ensinar”, traz uma relevante contribuição para entender as consequências das interferências externas no ensino. Afirma Boas nesse artigo que “o ensino e a pesquisa devem ser livres de interferência externa, e de que a liberdade pessoal dos integrantes do corpo docente não deve ser restringida pelo conselho diretor” (Boas, 2004, p. 401), porém, alerta para outras problemáticas além dessa que podem prejudicar o ensino, pois, conforme comenta em nota o organizador desta obra, George W. Stocking Jr, “os conselhos diretores não são os únicos inimigos potenciais da liberdade do professor” (Stocking, 2004, p. 401), há muitos outros aos quais se deve estar atento.

Nesse artigo, Boas defende a ideia da integração da Universidade com a Comunidade, de modo que ela abra mão do seu isolamento. Tentativas semelhantes a que Boas propõe encontramos no Brasil, mais especificamente no Estado de São Paulo, nas escolas públicas de ensino médio e fundamental, com o projeto “Escola da Família” e outros que os Estados têm promovido. São iniciativas tímidas, mas que estão no caminho certo, segundo as proposta de Boas, de uma escola que possa interagir com a comunidade.

Boas destaca a necessidade da liberdade não apenas para o ensino, mas também para a aprendizagem. Mostra que as “grades” curriculares cerceiam a liberdade da aprendizagem, apresentando ao estudante uma espécie de “forma”, previamente determinada, pela qual ele deve passar para sair “formado”. Afirma: “essa tradição da escola, quando a linha de estudo é cercada por inúmeras regras e regulações, ainda controla a universidade” (Boas, 2004, p. 405). Lembra que “os estudantes do *college*,

durante os dois últimos anos de seu estudo, anseia pela liberdade de estudar o que deseja e não apenas aquilo que prescrevem os professores que acreditam saber mais” (Boas, 2004).

Com tais afirmações acerca da educação, recordamos nosso sistema de ensino, público e privado, mas principalmente os níveis fundamental e médio que deveriam preparar o aluno para a universidade e para a vida, mas que, na verdade, na maioria dos casos, apenas lhes concede um certificado que não o capacita nem o qualifica para aquilo que propõe a universidade, e nem para uma profissão. Boas lembra, por fim, que “o diploma universitário deveria expressar o domínio de um método de investigação que pressupõe o conhecimento dos fatos básicos, não conforme as necessidades de uma profissão, mas conforme as necessidades da pesquisa” (Boas, 2004). De acordo com essa linha, vale lembrar que o sistema de ensino oferecido no Brasil não expressa, para a maioria esmagadora da população, o domínio de um método que pressuponha o conhecimento dos fatos básicos e nem conforme a necessidade de uma profissão. De acordo com pesquisas recentes, boa parte dos alunos que conclui o ensino médio são analfabetos funcionais, sem conhecimento prático nem teórico, o que os excluem da universidade, ou entram através de recursos que não lhes darão sustentação financeira e intelectual para acompanhar os estudos. Boas já alertava para essas questões há mais de cinquenta anos. Vale à pena retomar suas idéias e relê-las de acordo com a nossa realidade.

## **Considerações finais**

Faço nestas considerações finais uma espécie de resumo do que acima foi tratado, não a fim de repetir o que foi dito, mas de reafirmar ideias que são profundamente valiosas para o entendimento da realidade social, hoje, principalmente no que se refere ao tema deste artigo.

Vimos que foram muitas as contribuições que Franz Boas trouxe para a antropologia e aos temas a ela relacionados, como é o caso da educação e da cultura, porém é importante destacar aquele que é considerado o principal, já citado diversas vezes, que é a questão racial. Embora a discussão deste tema esteja para muitos, superada, não dá para negar o pioneirismo de Boas na abordagem dele sob um viés distinto daquele que até então vinha sendo discutido entre os pesquisadores de distintas

áreas, sobretudo da biologia, com teorias evolucionistas que legitimavam a existência de raças superiores e inferiores que serviam de base para fundamentar regimes ditatoriais discriminatórios. Vimos que Boas critica tais abordagens que usavam os conceitos de “raça”, “tipo racial” e de “superioridade racial” para fins políticos e discriminatórios e mostra que o conceito de raça é indefinível e impreciso, portanto, inútil. Assim sendo, ele redefine o uso deste conceito e abre caminho para refleti-lo a partir de outras abordagens, como, por exemplo, a de etnia em vez de raça, como hoje é mais empregado. Afirma, contudo, que não se pode individualizar qualquer diferença entre o modo de pensar do ser humano primitivo e do civilizado, e que toda raça se adapta à vida social, ao seu meio, mas elas não são nem superiores nem inferiores umas das outras, apenas tiveram ambientes e oportunidades distintas. Para Boas, o conceito de “raça” não pode individualizar as constantes anatômicas, fisiológicas e psicológicas de um grupo humano, pois, as diferenças entre as populações são numerosas e as manifestações da vida social mostram como não se pode tratar o comportamento humano com critérios determinísticos, e como se deve abandonar o conceito supracitado, sobretudo porque este conduz ao surgimento do preconceito e a prática discriminatória que resultam em ações como as que se viu nos regimes nazistas e fascistas da Europa e de diversas outras partes do mundo. Boas chega a outra conclusão que, a exemplo da anterior, adentra o campo político. Afirma ele que raça, linguagem e cultura são variáveis independentes e que qualquer teoria que pense na derivação dos fenômenos sociopsicológicos pela componente fisicobiológica não pode ter qualquer fundamento científico. Assim sendo, o problema da “raça ariana”, defendida por Adolf Hitler, não passa de uma mistificação. Enfim, a crítica à utilização de conceitos ideológicos, a recusa do determinismo e da hierarquização das culturas, a denúncia das aplicações discriminatórias, marcam a antropologia de Franz Boas e estão presentes na obra *The mind of primitive man*, cujos reflexos influenciam ainda hoje o estudo da Educação e da Cultura.

Como vimos, a Cultura foi um dos temas centrais da antropologia de Boas, fazendo dele o Pai da Antropologia Cultural moderna. Ele a colocou no âmago das ciências sociais, transformando-a em instrumento de análise dos processos psicológicos e históricos aos quais sempre se interessaram os povos. Mostrou que o “tipo” anatômico, a língua e a cultura não têm, necessariamente, o mesmo destino. Suas argumentações comportam, portanto, a convicção de que as qualidades naturais, as aspirações e

as necessidades dos seres humanos são substancialmente idênticas em cada povo, seja ele “primitivo” ou “civilizado”, independentemente da sua origem geográfica. Com tal afirmação, Boas abre caminho para estudar a educação como um conceito antropológico.

Para Boas está claro como o comportamento humano, enquanto complexo e variado, deve ser estudado no quadro da capacidade psicológica, da adaptação ao ambiente, das habilidades linguísticas e simbólicas, além de se referir aos processos educativos. Afirma, assim, a legitimidade de todos os conhecimentos que compõem a cultura, sem hierarquias entre eles, oferecendo as bases não apenas para a ideia de uma ciência étnica, ou “etnociência”, mas para uma filosofia da educação, cujo método se preocupa com o recolhimento e a conservação metódica do patrimônio cultural, para o estudo dos avanços cognitivos de cada povo.

Enfim, podemos ainda destacar no âmbito das contribuições de Boas para a compreensão da Educação e Cultura, a capacidade que ele teve de oferecer respostas válidas e polêmicas para todos os tempos, além de deixar um importante legado de instrumentos conceituais e científicos que ainda são aplicados nos estudos da antropologia e demais ciências sociais. Destaque para a tensão moral, concebida como um método, que atravessa toda a sua obra. Esta “tensão moral” é, portanto, uma maneira de se chegar à verdade nas pesquisas antropológicas. Faz parte das bases lançadas por ele para a moderna antropologia americana que veio afirmar um ponto de vista microsociológico do estudo dos grupos humanos, transcrevendo-as minuciosamente na busca de uma abordagem mais fiel possível das manifestações culturais que ele observou, bem como a consideração de cada sociedade em si e para si, como totalidade autônoma. Com isso desenvolveu uma visão crítica e bem elaborada das noções de origem e reconstituição dos estágios culturais. Reconheceu e fundamentou cientificamente a legitimidade de todos os conhecimentos que compõem a cultura, sem hierarquias entre eles, como já foi acima citado. Valorizou o patrimônio linguístico como chave de entendimento de uma cultura, não apenas como instrumento de análise necessário para o pesquisador entender a cultura estudada, mas, sobretudo, como elemento primordial do processo educativo de um povo.

Na relação entre Educação e Cultura, Boas procurava leis de evolução e de funcionamento das sociedades através do método indutivo, primando pelo ato de ver, ouvir, falar, escrever, o que sintoniza a Cultura com a Educação. Ele rejeita o evolucionismo unilateral das teorias de Darwin,

como não adota explicações de estágios ou fases culturais, muito em voga na sua época. Para Boas o conhecimento é algo contextualizado, isto é, só pode ser concebido dentro de um contexto. Portanto, cada cultura é uma unidade autônoma e um costume, um hábito, a maneira de ser de um indivíduo só tem significado frente ao contexto no qual ele se insere. Assim, a educação de um indivíduo é relativa ao seu contexto cultural. Cada um é formado de acordo com o seu ambiente cultural e enxerga o mundo pelo viés da cultura em que nasceu, ou que viveu a maior parte do seu tempo. É o relativismo cultural tão bem acentuado em suas teorias. Esse relativismo cultura relativiza também a educação, pois o entrelaçamento de educação e cultura é indissociável.

Fica aqui a proposta de releitura e aplicação mais aprofundadas do pensamento de Franz Boas para o estudo destes dois temas, educação e cultura, sobretudo da educação, e vê-la interligada a cultura e não como sinônimo desta.

## **Referências bibliográficas**

BOAS, F. (2010). *A mente do ser humano primitivo*. Petrópolis, Vozes.

\_\_\_\_\_. (1955). *Primitive art*. New York, Dover Publications, INC.

\_\_\_\_\_. (2004). “As funções educativas dos museus antropológicos” (1905). In: STOCKING, Jr. e BOAS, G. W. F. Boas (orgs.). *A formação da antropologia Americana – 1883-1911*. Rio de Janeiro, Contraponto/UFRJ, pp. 357-360.

\_\_\_\_\_. (2004). “Liberdade para ensinar” (1945). In: STOCKING, Jr. e BOAS, G. W. F. (orgs.). *A formação da antropologia Americana – 1883-1911*. Rio de Janeiro, Contraponto/UFRJ, pp. 401-405.